

# Berggasse 19

*Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira  
de Psicanálise de Ribeirão Preto*



Vol. X no. 1 2020

ISSN 2177-3033

## Adeus à linguagem ↔ a Deus, a linguagem

Maira Cecília Avi<sup>1</sup>, Ribeirão Preto.

**Resumo:** A autora propõe investigar clinicamente algumas diferenças entre os conceitos de *comunicação* e *linguagem* (seja a verbal ou a não verbal). Para tal, investiga o acesso ao mundo mental primitivo, a partir de experiências observadas na relação analítica com uma analisanda na qual a linguagem verbal parecia obstruir o contato com sua realidade psíquica. Fazendo reflexões sobre a linguagem dos estados mentais primitivos na relação analítica, propõe que a *comunicação* entre estados mentais do analisando e do analista ocorra o tempo todo, de forma inconsciente, e que, diante de estados primitivos da mente, a observação das *comunicações* presentes na dupla se constitui em uma *linguagem de êxito* (Bion), para a compreensão e a evolução das dinâmicas mentais do analisando.

**Palavras-chave:** comunicação; linguagem; estados mentais primitivos; linguagem de êxito.

### Canção do ver

Por viver muitos anos dentro do mato  
moda ave  
O menino pegou um olhar de pássaro –  
Contraíu visão fontana.  
Por forma que ele enxergava as coisas  
por igual  
como os pássaros enxergam.  
As coisas todas inominadas.  
Água não era ainda a palavra água.  
Pedra não era ainda a palavra pedra.  
E tal.  
As palavras eram livres de gramáticas e  
podiam ficar em qualquer posição.

---

<sup>1</sup>Membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Por forma que o menino podia inaugurar.  
Podia dar às pedras costumes de flor.  
Podia dar ao canto formato de sol.  
E, se quisesse caber em uma abelha, era  
só abrir a palavra abelha e entrar dentro  
dela. Como se fosse infância da língua.

**Manoel de Barros**

### **Introdução**

Existe diferença entre o que chamamos de linguagem, seja verbal ou não verbal, (corporal, comportamental, etc.) e o que chamamos de comunicação?

Este tema é complexo, na medida em que o trânsito entre estados mentais diversos, que podem ou não contemplar alguma forma de linguagem, sempre é comunicado na dupla analítica de alguma maneira.

Estas questões surgiram ao observar certos fenômenos dos quais destacarei três: a relação com uma paciente em análise; o filme *Adeus à Linguagem* de Jean-Luc Godard (2014); e um questionamento levantado na IX Jornada de Psicanálise de Bion, cujo tema era a busca do desconhecido na sessão. Nesta última, o grupo de discussão associou a busca do desconhecido à *linguagem de êxito* e indagou-se que, antes de conhecermos *linguagem de êxito* (um conceito de Bion, 1970/2006), precisaríamos pensar o que era Linguagem.

Buscamos colocar em palavras, em linguagem verbal, a comunicação que acontece o tempo todo entre nós. Com minha analisanda, inicialmente, observei momentos de dificuldade de expressar, usando algum tipo de linguagem verbal, o que acontecia na relação. Posteriormente, percebi momentos em que, de fato, não havia possibilidade de uma palavra *existir*, mas apenas de vivenciarmos a situação do momento; nem tudo que era vivido podia ser compreendido. Desta maneira, percebi que o mergulho que realizava em áreas de incompreensão não seguia o rumo de busca de uma compreensão (transformação em K), mas o de desenvolver meios para permanecer nestas áreas e expandir os seus limites

(transformações em O) (Bion, 1965/2004).

Assim, observei experiências nas quais a linguagem verbal era usada como um escudo que obstruía o acesso a este mundo primitivo; por vezes, as palavras soterravam os estados mentais primitivos anteriores à linguagem verbal, mas que nem por isso eles deixavam de estar presentes. Eles se comunicam através de outros meios que não o verbal, podendo expressar a sua presença através de códigos primordiais como ritmos, cheiros, movimentos e etc., somente conjugados via Intuição (Bion, 1970/2006). A Intuição constitui-se na via régia para o acesso a este mundo mental primitivo e, conseqüentemente, a possibilidade de criação de alguma expressão (representação) desta linguagem primordial.

Vivemos algumas situações com nossos pacientes que nos possibilitam experimentar intensamente situações nas quais, paradoxalmente, não há condições de se poder falar delas. Não porque não haja espaço ou companhia para isso, mas porque não encontramos meios, códigos, sinais ou símbolos, ou seja, uma linguagem articulada qualquer que nos seja útil. Unicamente, pode-se viver a experiência comunicada através da relação e da experiência emocional. Portanto, podemos indagar: o que acontece quando não encontramos meios de colocar a experiência emocional em alguma forma de linguagem e/ou quando a linguagem nos distancia desta experiência? A Psicanálise trabalha com diversos tipos de linguagens presentes nas relações, contudo, há prevalência da linguagem verbal como um guia que orienta as demais comunicações. Mas o que acontece quando este guia não está disponível?

Em *Atenção e Interpretação*, Bion (1970/2006) nos questiona sobre esse uso que fazemos da linguagem. Diz ele:

É significativo que os psicanalistas que procuram acesso direto a um aspecto de **O**, ainda que não seja apenas àquela parte de **O** que informa sobre características divino-símiles, levem a cabo a sua empreitada por meio de linguagem. É muito restritivo ficar confinado a um meio único de comunicação, mesmo que este meio tenha a flexibilidade e a capacidade para se desenvolver, como a linguagem. Com cer-

teza, a observação psicanalítica não pode se permitir a ficar confinada àquilo que é apenas verbalizado; que tal usos mais primitivos da linguagem? (Bion,1970/2006, p. 91)

Mais adiante, nesse mesmo texto, ele nos fala que a sensorialidade presente no uso de termos como *ver* e *escutar* pode produzir uma falsidade que nos leva a considerar importante algo que é desimportante. Assim, lembra que um ato não é significativo por si só, mas sim o que é comunicado através dele.

Numa aproximação em palavras, a linguagem do mundo mental primitivo em seu trânsito nas relações humanas é fundamentalmente diferente da linguagem verbal que nós comumente usamos para nos comunicar, apesar de constantemente sentirmos necessidade de pôr em palavras o que vivemos. Mas e se o possível for somente viver a experiência emocional e de alguma maneira constatar a sua existência, sem exigir que ela seja batizada?<sup>2</sup> Considerando a Teoria das Transformações de Bion (1965/2004), poderíamos falar em experimentar transformações em O ou ir na direção de *tornar-se* uma linguagem. Para isso, deixamos em suspenso a direção de conhecermos uma linguagem, que seria uma transformação em K.

Em muitos momentos vividos com a paciente que me incitou estas reflexões, a primeira consideração que fazia do que estávamos vivendo era que eu era precária; tinha a impressão de que eu não conseguia me comunicar com ela, que não sabia conversar. Isto me deixava atormentada, sentindo incapacidade de expressar o que eu percebia estar acontecendo entre nós. Sentia-me invadida pelo desespero de um grito sem som, de um rosto sem expressão, de um toque sem registro de temperatura, de um mundo sem odores. Imaginava ser incompetente e desabilitada para trabalhar neste meio, porém persistia, pois notava a presença de uma comunicação

---

<sup>2</sup> Penso nas Artes de modo geral como um meio talvez mais propício para nos mostrar a coexistência entre estados mentais diversos e condensados, alguns primitivos e outros que atingem alguma linguagem mais facilmente reconhecida por nós. Neste sentido, recordo a questão de Bion feita em um seminário clínico em Paris no qual ele pergunta à plateia: “Que espécie de artista é você?” (Bion, 1978/2012).

entre nós, que nem sempre podia ser transformada em palavras ou imagens. Às vezes era só experimentada, vivida.

Além disso, notava que o que eu falava era sentido por ela como uma invasão que a forçava seguir numa direção cujo sentimento era deixar ser ela mesma. Tentei renunciar à minha linguagem verbal para ter acesso à linguagem que ela usava, básica, e a partir daí sustentar uma conversa com ela. Constatei que o que importava não era o que se falava, uma vez que muitas vezes eu nem me recordava do que era dito, mas sim o que eu sentia em termos de sensações e emoções em sua presença. Percebi a necessidade de buscar entre nós uma dimensão da mente primitiva que parecia estar escondida atrás da linguagem verbal.

No filme *Adeus à Linguagem*, Godard consegue nos fazer vislumbrar algo desta dimensão através do olhar de um cachorro, que observa a relação amorosa entre um homem e uma mulher. Godard não coloca um cachorro fantástico pensante em cena, mas um cachorro aproximado do que pensamos ser um cachorro, isto é, sem a capacidade de simbolização que nós humanos temos. O filme causa incômodo, pois nos sentimos perdidos, sem referenciais que nos organizem, desejando interromper a projeção. Contudo, se conseguimos nos entregar para a experiência um pouco mais, uma conexão surge, e passamos a reconhecer emoções como tristeza, alegria, amor intenso e raiva, sem a necessidade das referências comuns que costumamos observar para dar nome a estas emoções. Além disso, as emoções não são experimentadas somente pelo cachorro, mas estão presentes na relação (ou deveria dizer na comunicação?) entre ele e o casal. Esse modelo remete à comunicação como um fenômeno que acontece entre mentes.

Neste sentido, o filme de Godard tem êxito, ao conseguir transmitir estados mentais primitivos anteriores à linguagem, e que tem a qualidade de comunicação de experiências emocionais. Seria esse um exemplo de *linguagem de êxito*? (Bion, 1970/2006). E, haveria êxito em abrir mão da linguagem formal, quando nos

encontramos em estados como estes?<sup>3</sup>

A propósito disso, Bion (1970/2006), citando Keats, destaca a importância da observação como um prelúdio à Linguagem de Êxito e à ação inerente a ela. Deste modo, quando conseguimos permanecer vivos observando estados de incompreensão, permanecendo “em meio a incertezas, mistérios, dúvidas, sem ter de alcançar nervosamente nenhum fato e razão” (Keats, citado por Bion, 1970/2006, p. 131), ampliamos um espaço potencial para surgimento de uma Linguagem de Êxito, isto é, uma linguagem que de fato represente a comunicação que acontece no instante em que está sendo vivida<sup>4</sup>.

### **Modelo de reflexão clínica**

Em certa ocasião, a paciente anteriormente citada falava ininterruptamente sobre suas questões alimentares, referindo ter escolhido um jeito muito diferente daquele da *sociedade* para se alimentar. Isso a fazia sentir que esta *sociedade* a taxava como sendo a *louca*, quando na verdade ela acreditava ser a mais *correta* e *lúcida* de todos, pois acreditava na necessidade de voltar a padrões de alimentação dos homens primitivos para o prolongamento de uma vida com saúde.

Havia muitas palavras em seu relato que, olhando pelo ângulo de um discurso verbal, parecia muito articulado. Entretanto, no âmbito da experiência emocional eu sentia intensa confusão, irritação e desconfiança. Observava, por experiência com ela e mesmo tentativas naquela sessão, que não conseguiria dizer palavra alguma a ela, uma vez que parecia não notar a minha presença na sala, nem mesmo através dos barulhos que eu fazia, ao me mexer na poltrona atrás dela ou das poucas vezes que tentava emitir algum som com minha boca.

---

<sup>3</sup> Privilegiamos o caminho em direção ao desconhecido, que é o que interessa para a Psicanálise, mas do qual podemos observar as suas *sombras*. Acredito que é seguindo em direção ao desconhecido que podemos encontrar a *linguagem de Deus* (O).

<sup>4</sup> Interessante perceber o uso que Bion faz de obras da literatura, como na citação acima, ou a matemática para dar expressão ao seu pensamento. Constantemente nos faz pensar na dificuldade de *dar corpo* a uma comunicação.

Apesar da confusão, eu percebia que transitava entre nós uma vontade amorosa de estarmos juntas, ao mesmo tempo em que sentia um medo terrível de uma morte iminente. Assim, surge em minha mente a lembrança da propaganda de uma minissérie que passava na televisão na época chamada AMORTEAMO (2015), ilustrada na mesma como AMOR MORTE TE AMO<sup>5</sup>.

Enquanto a paciente falava sem parar, sem pensar muito sobre minha ação, eu me levantei da poltrona, fui até minha mesa e peguei papel e caneta. Nesse momento, ela interrompeu sua fala e me olhou, seguindo meus movimentos. Pareceu despertar para me ver. Escrevi, então, o nome da minissérie e mostrei a ela sem dizer nada. Percebi que meu ato de lhe mostrar o nome teve menos importância do que ter me levantado e ido pegar o papel. Afinal, o papel continha apenas letras e palavras, e isso ela já possuía bastante. Mas, ao realizar o gesto de me levantar, penso que me fiz presente, pois me senti existindo na ocasião, e existia também alguém que me observava. Desta maneira, minha linguagem gestual se constituiu em uma Linguagem de Êxito, revelando nossas presenças na sala.

Era comum com ela me sentir soterrada em seu discurso, procurando ar para me manter viva, isto é, sustentar minha presença. Contudo, nesta sessão ao sentir que ela poderia estar soterrada debaixo de palavras, na sequência do movimento, ao me levantar eu demonstro que a procurava como se procura uma vítima de desabamento sem saber se ainda respirava. Assim, ao fazer isso, pudemos nos encontrar e respirar.

Experiências como esta me fazem pensar que nesses momentos, devo considerar como fenômeno clínico a comunicação que ocorre quando mergulho com todo meu corpo e mente e não somente com o que é expresso através da linguagem verbal. Assim, não nos deixamos obstruir pela palavra e podemos favorecer a continuidade da comunicação analítica. Com isso, não sugiro abandonar completamente a linguagem verbal; pelo contrário, apenas

---

<sup>5</sup> A minissérie ilustrava a história de um jovem, cuja noiva morre, é enterrada e levanta da tumba (volta do Além) para procurar o noivo.

suspendê-la nos momentos em que percebemos estar em contato com estados mentais tão primitivos para os quais a linguagem verbal não tem significado ou uso. Desta maneira, partimos na direção de transformações em O que revelem, através de uma linguagem a ser vivida, as comunicações presentes na relação analítica.

Deste modo, nos colocamos junto ao paciente, favorecendo-o a sentir não só a presença de alguém real na sala, mas a sua própria existência. A partir daí, podemos em conjunto desenvolver uma linguagem particular da dupla (verbal ou outras) que possa ser útil na busca da compreensão sobre quem se é e o que acontece com quem se é, quando em presença do outro. Assim, promovemos uma discriminação sobre o que sentimos, o que pensamos e o que acontece na relação que está sendo vivida. Isso fortalece a sensação de estar vivo e presente na vida, bem como a possibilidade de ser e tornar-se (*sendo O*) (Bion, 1965/2004).

Essa linguagem forjada pela dupla é comunicativa e evidencia a comunicação além ou aquém da linguagem verbal. Em determinado momento do filme de Godard, a frase Adeus à Linguagem (*Adieu au Langage*) é decomposta em *A Dieu, au langage*. Sem considerar uma tradução direta do francês para o português, mas sonhando a aproximação das palavras Deus e Linguagem, em uma interpretação própria, posso pensar em uma colocação como A linguagem de Deus. Pensando na aproximação que Bion (1970/2006) fez entre Realidade Última, Verdade e Divindade, isto nos remete a este processo de comunicação sem linguagem, mas que consegue transmitir diretamente a sua mensagem entre mentes. Seria essa a matéria-prima da Intuição?

Ainda sobre o filme de Godard, no início da projeção há uma breve nota nos avisando que, a pedido do diretor, nem todas as falas dos personagens do filme serão legendadas. Seria este mais um dos artifícios do diretor para nos colocar em conexão direta com o divino, isto é, com este tipo de comunicação anterior à linguagem?

O fragmento clínico no qual ao me levantar provoco a interrupção do discurso da paciente, sob o qual estávamos soterradas, denota que embora não ouvisse a minha voz, ela percebia meus

movimentos. Isso era mais comunicativo que as palavras para ela. Conjecturo que o ato de me levantar (Ogden, 1984/1996) foi uma intuição bem-sucedida no sentido de me comunicar com ela, uma vez que essa comunicação que já acontecia entre nós não poderia ser expressa pela via da linguagem verbal, naquele momento.

Penso que há de se ter Fé (Bion, 1970/2006; Marinho & Marinho, 2015), no sentido de que esta comunicação de fato acontece, para que possamos não interferir na sua fluidez e nos colocarmos à espera do que está para surgir, isto é, elementos que serão interligados, talvez até por algum outro tipo de linguagem, e que nos possibilitarão uma expressão da comunicação (ou uma expressão do divino (O)?). Assim, a capacidade para se manter ativamente observando é fundamental (Marques, 2016).

Em relação a isso, Eigen (1985/1986) acrescenta:

A fé é o meio de acesso aos dados psicanalíticos. A fé escava e transcende nossas necessidades de controlar e nos permite experimentar o impacto da realidade emocional em uma forma tal que permite que essa se desenvolva de maneira autêntica (Eigen, 1985/1986, p. 269, tradução da autora).

### **A criação da linguagem na relação analítica**

A inquietude, ao observar a custosa tarefa de colocar em algum tipo de linguagem aquilo que observamos acontecendo na relação analítica, remete-nos à confiança de que precisamos estar frente à nossa capacidade de percepção. Fazemos tentativas, usamos imagens, criamos neologismos com as sílabas propostas pelo paciente, reproduzimos entonações de voz ou apontamos para movimentos corporais e pedimos sua contribuição. Assim, tentamos sustentar uma conversa. No entanto, em determinados momentos, observamos uma insuficiência de atos e palavras para expressar o vivido pela dupla; neste caso, conjecturo que estados emocionais muito primitivos que não têm códigos articulados que os representassem, se fazem presentes. Como conversar sobre eles? E quando surgem disfarçados de linguagem verbal, que nos parece tão familiar?

No texto “O Estranho” (Freud, 1919/1996), Freud mapeia, descreve e nomeia o estranho (*unheimlich*), uma sensação de estranheza, até o momento de o aproximar do familiar (*heimlich*), revelando assim o trânsito entre o desconhecido e o conhecido. A comunicação mais primitiva e ainda não simbolizada, que hoje nos é tão estranha, anteriormente, nos nossos primórdios, nos foi a mais familiar. Entretanto, parece que ao adquirirmos a capacidade de simbolização, por algum motivo, passamos a desconsiderá-la e senti-la como estranha, bizarra ou louca.

Voltando ao filme, penso que Godard enfatiza o *entre*, ou seja, a comunicação que acontece quando há relação entre duas mentes (ou estados mentais). A partir da comunicação *vivida*, possivelmente surgirá uma busca por expressão em forma de alguma linguagem, uma busca por um acesso que nos remeta ao que está sendo experimentado na relação. Neste algo que acontece no *entre*, na relação, está a matéria-prima que fornecerá elementos para forjar uma forma de expressão para o que vivemos.

Seria esta comunicação a matéria-prima da Intuição? Penso ser a Intuição uma ligação direta entre a comunicação que ocorre entre as mentes e algum ato comunicativo que por ventura executemos. Este ato pode tomar várias formas, até o de uma linguagem verbal, sendo assim um ato que encarna a comunicação.

A linguagem, como um conjunto de códigos, signos que associados servem para dar expressão ao que acontece na relação, poderia ser dita como de êxito quando efetivamente alcança seu objetivo, isto é, oferece outro nível de acesso ao que estamos experimentando. Assim, não necessariamente precisa acontecer através das palavras ou meio verbal. Além disso, implica em continência da experiência que está sendo vivida. A linguagem, de qualquer tipo, precisa de tempo, a comunicação não. Acredito que a comunicação seja um fenômeno que está presente o tempo todo nas relações. O simples e misterioso fato de existirmos, das infinitas maneiras pelas quais este fato pode tomar forma, gera emanações de uma presença, ou de uma ausência, que de algum modo é registrada mentalmente. É a partir desta comunicação inicial de existir/não existir (Marques,

2006) que procuramos criar linguagens e usá-las para expressar o que nos acontece. Em outras palavras, diria que *comunicação é viver, é ser O, e linguagem é a notação deste viver (K)*.

Contudo, a experiência de viver este processo e tentar transformá-lo em algum tipo de linguagem nos mostra que esta não é completamente abrangente, além de ser transitória. Seguimos na busca por novas expressões e novas linguagens. Por exemplo, podemos nos expressar através de modelos verbais (poesia), gráficos (geometria), plásticos (pintura), corporais (dança) e, mesmo assim, não conseguirmos abarcar em forma de linguagem a totalidade das experiências vividas. No entanto, podemos criar um acesso, uma porta para futuras visitas a estas experiências.

A linguagem criada na relação expressa e sustenta a comunicação, usa signos que estão a sua disposição no momento para sustentar e revelar o que ocorre na relação. Deste modo, a sessão de análise pode ser vista como um campo fértil para a observação destes fenômenos, no instante em que eles acontecem. Entretanto, forjar esta linguagem, que é única com cada pessoa de nossas relações, exige de nós coragem e desapego. Exige que deixemos para trás vocabulários conhecidos, conexões entre sons (ou gestos, etc.) que nos são familiares, para que possamos escutar os ruídos (entrever/sentir os espasmos, etc.) geradores de perturbação e estranhamento, e verificar a possibilidade de encontrar um ritmo qualquer nestes ruídos (movimentos, etc.) que nos conduzam à formação de uma linguagem comum entre nós e o paciente. Como disse o poeta Manoel de Barros: “palavras ... livres de gramáticas”, que “podiam ficar em qualquer posição”, “por forma que... podia inaugurar” (Barros, 2013/2004, p. 395).

Muitas vezes nos distraímos com as palavras do paciente, acreditando encontrar significados ocultos nelas que nos darão acesso ao que se passa entre nós na sala de análise; contudo, a linguagem verbal pode ser usada para nos distanciarmos da comunicação que de fato acontece, especialmente quando nos deparamos com estados mentais primitivos. Por vezes podemos estar mergulhados em um mar de signos que parecem estar interligados, formando

um discurso articulado, no entanto, eles não se ligam à experiência vivida com o paciente. Estes signos estão apenas aglomerados, não estão conectados entre si.

Por outro vértice, Eigen (1985/1986) aponta para a observação de aspectos da personalidade vinculados por uma sensação de catástrofe; eles seriam elementos beta que nos mostram a existência de signos emocionais, isto é, elementos que possuem propriedades afetivas ainda não elaboradas e que são usados primitivamente na busca de algo que lhes ofereça um significado. A reunião destes elementos constitui signos (beta) e não símbolos (alfa); Eigen nos alerta contra o uso de signos como se fossem símbolos, na prática da Psicanálise. Ressalta ainda que esses aglomerados não devem ser descartados, pois são importantes para o desenvolvimento do pensar, uma vez que constituem uma primeira tentativa de desenvolver o pensamento.

Também Bion (1970/2006), em *Atenção e Interpretação*, nos mostra esta situação, através do exemplo clínico de uma pessoa que, ao tentar falar de uma impactante experiência emocional, começa a gaguejar cada vez mais à medida que a lembrança do fato fica vívida em sua memória. Na tentativa de evitar a *explosão* da forma verbal (tartamudez), a pessoa tenta utilizar modos de expressão enfadonhos, que falham em expressar o significado que gostaria de transmitir. Assim, o significado que a pessoa se esforçava para expressar fica despojado de significado. Aqui, Bion nos apresenta um modelo de como as palavras, ou a falta delas, podem ser usadas mais para *conter* um significado do que para *comunicar* este significado.

Voltando ao modelo clínico, em muitos momentos com a paciente citada, me sentia imersa em algum tipo de experiência que, a princípio, não conseguia expressar em linguagem verbal corriqueira, apenas vivia sensações, emoções, detectava ritmos. Geralmente, ela punha em execução um discurso de grande intensidade emocional, parecendo não considerar minha presença. Nestas horas, eu me percebia segurando com firmeza os braços de minha poltrona, tal como se estivesse dentro de um furacão. Por vezes eu interrompia esta imersão com algumas palavras para a paciente, numa espécie

de subir à superfície para tomar ar. Com o tempo, fui percebendo que se ficasse imersa nesta experiência por mais tempo, poderia construir com ela uma linguagem, ou alguma forma de expressão, que demonstrasse a nossa experiência com este estado de mente. O *sendo O* (Bion, 1970/2006) era a experiência com o que não podia ser *digerido*, mas que ainda assim era uma experiência a ser vivida e não simplesmente descartada. Usando um modelo, acredito que frequentávamos um estado de vibração de moléculas específico que somente poderia ser reconhecido como isso, uma vibração (Bion, 1963/2004; Klein, 1946/1991) ou, no máximo, um ritmo.

### **Mas afinal, o que buscamos comunicar através da linguagem?**

Mas já que se há de escrever,  
que ao menos não se esmaguem com as palavras  
as entrelinhas.

**Clarice Lispector**

Considerando a teoria de Bion e seu modelo de mente, que conta com a pré-concepção inata (Bion, 1962/1994, 1962/1980), buscamos desde sempre uma outra mente para nos realizarmos como seres humanos. Procuramos pôr em movimento, através da comunicação e sua expressão, da mais primitiva à mais sofisticada, a realização de sermos quem somos e, ainda, a realização de nos tornarmos. Para isso, necessitamos do outro, de uma outra mente. Mas a percepção dessa necessidade está envolta em dor mental, uma vez que, ao percebemos esta necessidade, damo-nos conta da precariedade humana. Esta, por sua vez, está relacionada aos conflitos presentes no trânsito entre existir/não existir de todos nós.

Durante meus encontros com esta paciente, experimentei várias sensações corporais e frequentemente me percebia fazendo movimentos físicos em sua direção, o que não costumo fazer. Por vários meses de nossa história, eu me percebia posicionada de modo inclinado para frente em minha poltrona, de maneira que minha cabeça ficava muito próxima da cabeça dela, deitada no divã. Além disso, ao me dirigir a ela, usava um tom de voz baixo e tranquilo,

como para não assustar a um neném que quase dormia, isto é, que adentrava no mundo dos sonhos. Nesses momentos, eu percebia que as palavras — ou melhor, o que elas poderiam simbolizar — não tinham tanta importância quanto o fato de estarmos ali juntas produzindo sons, movimentos, emanções de existência de cada uma, que ressoavam entre si e demarcavam nossa conexão. Se não eram os símbolos, o que era comunicado nesses momentos?

Em certa ocasião, a paciente chegou para a sessão depois de ter fumado maconha. Falava com voz relaxada, me contando sobre as atividades do seu dia, tais como, onde e quando deveria levar os filhos. Eu, porém, sentia uma tensão presente. De repente, me pego olhando para o meu pé. Eu calçava uma sapatilha preta e estava fazendo movimentos de ponta de pé. Em seguida, me surge o devaneio de que eu poderia ser uma excelente bailarina e me sinto inebriada como num sonho. Segundos depois, penso que parecia ser eu que havia fumado maconha, como se o efeito da droga que ela ingeriu me fosse transmitido de alguma forma.

Fenômenos como este expressavam uma busca por existir e sustentar uma existência conjuntamente. O simples fato de produzirmos sons juntas nos dava a realização de estarmos vivas naquele momento; isso não é algo sofisticado como uma imagem ou uma conversa, mas uma experiência emocional simples e necessária, especialmente quando estamos lidando com pacientes que se assustam, quando se percebem na presença de uma outra pessoa e, algumas vezes, com a sua própria presença.

Do mesmo modo, entendo o estado mental descrito como *eu fumei maconha na sessão* como evidência de uma ligação íntima ao estado mental da paciente. Experimentei com ela uma dimensão de sua mente na qual ela se sentia diluída, sem reconhecer contornos (delimitação, limites) de sua existência. Naturalmente, não caberia naquele momento dizer isso para a paciente, pois, possivelmente, dispersaríamos a experiência que estávamos vivendo. Nestas dimensões, a comunicação é direcionada para, principalmente, a percepção da existência de alguém no mundo junto de outro alguém. Muitas vezes a comunicação se dá através da emissão de

sons, de movimentos corporais, de “fumar juntas”, ou através de investigações táteis sobre o tecido do divã, da poltrona, etc. Há experiências emocionais que apenas podemos viver (O) e fazer a notação mental das mesmas, para quem sabe, num futuro longínquo, elas poderem ganhar alguma representação verbal (K).

No livro *Domesticando Pensamentos Selvagens*, há uma fala de Bion que considero representativa deste tema:

O pior de não sermos matemáticos ou artistas, é que eu me sinto na posição de um feto ou criança, que imagino, não possuem modos adequados de expressão ou comunicação e, em geral, não possuem grande coisa a ser comunicada. O bebê, por exemplo, pode querer comunicar que está com fome ou solitário. Agora, eu, neste estranho mundo no qual me encontro, necessito tanto de alimentação quanto de alguém com quem me comunicar, não por ter coisas incríveis a dizer, mas por me encontrar num estado de mente com o qual estou penosamente familiarizado: o estado de mente onde me sinto abissal, literal e metaforicamente ignorante. Esta é uma das razões pela qual tenho uma certa urgência de poder tentar encontrar alguns tipos de rede na qual eu possa capturar quaisquer pensamentos que estejam disponíveis (Bion, 1977/2015, p. 24).

### **Considerações finais**

Considerando o modelo espectral da mente, podemos ser convidados pelos pacientes (e por nós mesmos!) a experimentar estados mentais primitivos, de difícil compreensão. Muitas vezes sentimo-nos perdidos, sem palavras, sem as imagens visuais (*rêveries*) que costumam nos ocorrer (Bion, 1962/1980, Ogden, 1997, 2005/2010). Podemos apenas sentir a turbulência emocional emanada da relação junto ao analisando. Algumas vezes, podemos identificar tais experiências emocionais, ao tentarmos fazer uma transcrição após a sessão e percebermos não haver registro mental de “assuntos” na memória, não encontramos as palavras ditas, mas apenas cenas evocativas de emoções sentidas durante a sessão. Talvez, se fôssemos pintores poderíamos reproduzi-las na forma de aquarelas, ou se fôssemos músicos, na forma de um adágio, ou de

um andante... (Bion, 2012)

Em momentos como esses, podemos perceber os analisandos vivenciando dimensões de um tempo-espaço indiferenciado, geralmente não experimentando o tempo presente; sua comunicação nos remete predominantemente ao passado ou ao futuro. Visitamos com eles um passado emocionalmente miserável e um futuro catastrófico, no qual não parece haver lugar para a esperança. O lugar da esperança precisa ser cavado pelo analista através de sua insistência em continuar a estar ali, sentindo, apesar de ambos não compreenderem racionalmente os motivos de se querer ficar tanto tempo juntos; quatro, às vezes cinco ou seis vezes por semana. Muitas vezes não há interpretação possível para a compreensão sobre os tantos dias por semana que o analista se dispõe a estar com o analisando, mas a firmeza no fato de querer estar com ele, mesmo que o mundo acabasse, talvez dê a esses analisandos, experimentando dimensões muito primitivas, um começo de esperança, um início da oscilação de seu *senso de existência*. (Marques, 2006).

Para tal, esses fenômenos precisam ser vividos *na pele psíquica* pelo analista e pelo paciente durante muito tempo, até que, sustentando uma observação com Fé (Bion, 1970/2006; Marinho & Marinho, 2015), encontremos as palavras e a linguagem capazes de delimitar a experiência vivida.

Desse modo, por exemplo, após anos de análise, a referida paciente me contou que assistiu a uma reportagem na qual um bebê recém-nascido foi colocado dentro de uma sacola e jogado em um rio. Após um tempo, alguém ouviu o choro e pode ver que o bebê, apesar de tão pequeno segurava fortemente um pequeno galho em uma árvore na margem do rio, mantendo assim sua posição até que alguém o encontrasse. A paciente ressaltava a força do bebê para lutar contra a correnteza do rio. Conversando de maneira fluida com ela sobre esta história, fico sabendo que quando sua mãe estava grávida dela teve um começo de aborto e foi levada ao médico, sendo indicado que a mãe ficasse totalmente de repouso ou não *seguraria* a gravidez. Sua mãe até tentou fazer repouso por um tempo, mas depois desistiu e esperou o resultado de sua ação (aborto). Eu disse

para a paciente que desde muito cedo ela precisou se segurar para se manter viva, existindo, e que essa história mostrava tanto a vontade dela de viver quando o medo e quase certeza de que morreria antes do tempo. Em seguida, a paciente me fala que sempre acreditou que morreria jovem, sendo este um pensamento que a acompanha desde muito pequena.

Ao refletir sobre este fragmento, penso que esta história que nos foi comunicada em forma narrativa (Ferro, 2005) já estava presente durante anos nas nossas sessões, mas precisamos da experiência ao longo do tempo para juntas gestarmos a evolução desta comunicação, na direção de uma linguagem verbal.

Esse processo é árduo e complexo. Em *Cogitações*, num texto a respeito das controvérsias presentes no ato de se comunicar, Bion (1992/2000) coloca:

A linguagem foi inventada; é possível traduzir; existem sistemas de notação musical e matemática; os seres humanos compõem e pintam. E agora a psicanálise tenta elucidar as barreiras e vínculos que impedem ou promovem as relações que requerem uma capacidade para comunicação. No entanto, o sucesso da psicanálise não reside tanto em viabilizar a comunicação, mas sim em demonstrar, inequivocamente, a fragilidade de nossos métodos de comunicação, até mesmo na comunicação das discordâncias (Bion, 1992/2000, p. 181).

Nos atendimentos, durante muito tempo, podemos nos sentir abusados pelo paciente, no sentido de sermos forçados a ocupar uma posição que não queremos. Neste caso relatado, foi somente aos poucos que fui compreendendo que esse era o modo de a paciente sentir que tinha alguém junto dela que a faria sobreviver. A aparente anulação da minha existência dava a ela um espaço de conforto no qual podia explorar a sua própria presença. Formávamos, em sua mente, uma unidade. Quando ela se aproximava da percepção de que éramos pessoas diferentes, sua tentativa era de se virar sozinha, pois ela se reconhecia como alguém só no mundo. O único jeito, a princípio, de poder se utilizar da presença de outra pessoa é através

da formação desta *unidade básica* (Little, 1981/1994).

Nesses estados mentais tão primitivos, a premência é de uma conversa (comunicação) que deve ser tão direta e imediata que até as palavras podem se tornar obstáculos. É como se o paciente tivesse a necessidade de uma transmissão de pensamentos através de telepatia. Nestes estados mentais, o paciente busca ocupar a mente do analista como um bebê que ocupa o útero de sua mãe até o ponto do desenvolvimento necessário para sua maturação em direção ao parto (*cesura do nascimento*, Bion, 1977). A partir deste vértice, podemos passar a compreender o paciente não como alguém que nos *invade e abusa*, mas sim como uma pessoa que necessita, em muitos momentos, se colocar inteiramente dentro de um continente nutridor e protegido.

À luz dessas experiências clínicas, penso que precisamos seguir na direção de desenvolvermos sensibilidades estéticas em nossos ouvidos, olhos, tato, paladar e olfato (Bion, 1970/2006; Meltzer & Williams, 1994), para podermos navegar em *meios subaquáticos, meios intrauterinos* para, a partir de então, desenvolvermos formas mais evoluídas de expressarmos (criamos linguagens) a comunicação que acontece entre nós nestas camadas primitivas da mente. Assim, favorecemos a cesura de ambos, analista e analisando, para um possível *meio terrestre* no qual possamos ter confiança de poder, ao menos, respirar.

### **Adios al lenguaje ↔ A Dios, el lenguaje**

**Resumen:** En el presente artículo, la autora se propone investigar de forma clínica algunas diferencias que existen entre los conceptos de “comunicación” y “lenguaje” (ya sea el lenguaje verbal o el no verbal). Para ello, investiga el acceso al mundo mental primitivo, a partir de las experiencias observadas en la relación analítica con una analizante en que el lenguaje verbal parecía que obstruía el contacto con la realidad psíquica. Al realizar reflexiones sobre el lenguaje de los estados mentales primitivos en la relación analítica la autora propone que la “comunicación” entre los estados mentales del analizante y del analista es algo que se da constantemente, de manera inconsciente, y que, frente a los estados primitivos de la mente, la observación de las “comunicaciones” que se presentan en el par analítico constituyen un “lenguaje de éxito” (Bion) para la comprensión

y la evolución de las dinámicas mentales del analizante.

**Palabras clave:** comunicación; lenguaje; estados mentales primitivos; lenguaje de éxito.

### **Goodbye to language ↔ To God, the language**

**Abstract:** The author proposes to clinically investigate some differences between the concepts of “communication” and “language” (whether it is the verbal or the non-verbal one). In order to get that, she investigates the access to the primitive mental world as from the experiences observed in the analytic relationship with an analysand whose verbal language seemed to obstruct the contact with her psychic reality. Reflecting on the language of the primitive mental states in the analytic relationship, she proposes that the “communication” between the analysand’s and the analyst’s mental states occurs all the time, in an unconscious way; she also proposes that, in face of the mind primitive states, the observation of “communications” present in the couple is constituted in a “language of achievement” (Bion) for the understanding and the evolution of the analysand’s mental dynamics.

**Keywords:** communication; language; primitive mental states; exit language.

### **Referências:**

Barros, M. (2013). Poemas Rupestres. In: M. Barros, Poesia completa. São Paulo: LeYa. (Trabalho original publicado em 2004).

Bion, W. R. (1980). Aprendiendo de la experiencia (H. B. Fernandez, Trad.) Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962).

\_\_\_\_\_ (1994). Uma teoria sobre o pensar. In: W. R. Bion, Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts). (127-136). (W. M. M. Dantas, Trad.). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1962).

\_\_\_\_\_ (2000). Cogitações (E. H. Sandler & P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1992).

\_\_\_\_\_ (2004). Elementos de Psicanálise. (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1963).

\_\_\_\_\_ (2004). Transformações: do aprendizado ao crescimento. (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965).

\_\_\_\_\_ (2006). Atenção e Interpretação. (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).

\_\_\_\_\_ (2012). Seminário realizado em Paris, 10 de julho d 1978. Disponível

- em: <https://psicanalisedownload.files.wordpress.com/2012/08/w1.pdf>
- \_\_\_\_\_ (1977). *Caesura. Two papers: The Grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (2016). *Domesticando Pensamentos Selvagens*. (L. C. U. Junqueira Filho, Trad.) São Paulo: Blucher. (Trabalho original de 1977).
- Eiglein, M. (1986). Em torno al punto de partida de Bion: de la catástrofe a la fe. In: *Libro Anual de Psicoanálisis*. (Vol.1, 263-274). (Trabalho original publicado em 1985).
- Ferro, A. (2005). *Fatores de Doença, Fatores de Cura. Gênese do Sofrimento e da Cura Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). O estranho. In S. Freud Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. (235-273). (J. Salomão, Trad.). (Vol 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Godard, J. L. (Diretor). (2014). *Adeus à Linguagem [Filme-DVD]*. França, Suécia: Produtora Imovision.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: M. Klein *Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. (20-43). (B. H. Mandelbaum et al., Trad.). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1946).
- Little, M. (1994). Sobre a unidade básica (indiferenciação primária total). In: G. Kohon, (Org.). *A Escola Britânica de Psicanálise: The Middle Group, A tradição independente*. (101-113). (J. C. A. Abreu, Trad). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1981).
- Meltzer, D. & Williams, M. H. (1994). *A Apreensão do Belo*. (P.C. Sandler Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Lispector, C. (1999). Mas já que se há de escrever. In: *Para não Esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1978).
- Marinho, F.M.A. & Marinho, N. C. (2015). O ato de fé: a fé como um elemento da psicanálise. Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise em São Paulo/SP. (Trabalho não publicado).
- Marques, T. H. T. (2006). Observando o trânsito da existência. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 40(3), 124-134.
- \_\_\_\_\_ (2016). Sobre la metaobservación: da sensorialidad al pensamiento. In: *Psicoanálisis: Revista de la Asociación Psicoanalítica Colombiana*, vol. 28(1), 59-79.
- Ogden, T. H. (1997). *Rêverie and Interpretation*. *Rêverie and Interpretation*. London: J. Aronson.
- \_\_\_\_\_ (2005). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- \_\_\_\_\_ (1996). O conceito de ato interpretativo. Os sujeitos da psicanálise

(C. Berliner, Trad.) (103-132). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1984).

\_\_\_\_\_ (2017). On talking-as-dreaming. In: A. Reiner (org.) Of Things Invisible to Mortal Sight: Celebrating the Work of James S. Grotstein. Londres: Karnac.

Paiva, C.; Arraes, G.; & Moreno, N. (Diretores). RedeGlobo, Amorteamo. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/amorteamo/>

**Maira Avi**

Endereço: Praça Rainha Dona Leonor de Lencastre, 198. Alto da Boa Vista –  
Ribeirão Preto/SP

CEP: 14025-209

Telefone: (16) 3623-4091 / (16) 99131-5401

E-mail: [mairaavi@yahoo.com.br](mailto:mairaavi@yahoo.com.br)

**Editora:** Maria Lucimar Fortes Paiva